

# POEMAS ENTRE OS SÉCULOS

BOM, O PRIMEIRO POEMA É DE LUÍS DE CAMÕES  
MEADOS DO SÉCULO XVI, ANOS DE 1501 - 1600

ESPARSA AO DESCONCERTO DO MUNDO

Os bons vi sempre passar  
No Mundo grandes tormentos;  
E pera mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assim  
O bem tão mal ordenado,  
Fui mau, mas fui castigado:  
Assim que, só pera mim,  
Anda o Mundo concertado.

POEMA de Frei António das Chagas - meados do  
século XVII 1 de janeiro de 1601 – 31 de dezembro de  
1700

Deus pede estrita conta de meu tempo.  
E eu vou do meu tempo, dar-lhe conta.  
Mas, como dar, sem tempo, tanta conta  
Eu, que gastei, sem conta, tanto tempo?  
Para dar minha conta feita a tempo,  
O tempo me foi dado, e não fiz conta,  
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,  
Hoje, quero acertar conta, e não há tempo.  
Oh, vós, que tendes tempo sem ter conta,  
Não gasteis vosso tempo em passatempo.  
Cuidai, enquanto é tempo, em vossa conta!  
Pois, aqueles que, sem conta, gastam tempo,  
Quando o tempo chegar, de prestar conta Chorarão,  
como eu, o não ter tempo...

sinto-me:Sem tempo

# POEMA FEITO EM MEADOS DO SÉCULO XVIII

1/01/1701 – 31 de dezembro de 1800

Por Mim Álvares de Azevedo

Teus negros olhos uma vez fitando

Senti que luz mais branda os acendia,

Pálida de langor, eu vi, te olhando,

Mulher do meu amor, meu serafim,

Esse amor que em teus olhos refletia...

Talvez! - era por mim?

Pendeste, suspirando, a face pura,

Morreu nos lábios teus um ai perdido...

Tão ébrio de paixão e de ventura!

Mulher de meu amor, meu serafim,

Por quem era o suspiro amortecido?

Suspiravas por mim?... Mas... eu sei!... ai de mim?

Eu vi na dança Um olhar que em teus olhos se fitava...

Ouvi outro suspiro... d'esperança! Mulher do meu

amor, meu serafim, Teu olhar, teu suspiro que

matava... Oh! não eram por mim.

AGORA, O SÉCULO XIX PERÍODO DE 1 de janeiro de  
1801 – 31 de dezembro de 1900

A Esperança não murcha, ela não cansa,  
Também como ela não sucumbe a  
Crença,  
Vão-se sonhos nas asas da  
Descrença,  
Voltam sonhos nas asas da  
Esperança.

Augusto dos Anjos